A URBE é o Jornal Cultural da cidade de Araranguá, impresso pela Gráfica Soller.
Fundado em 01/05/2013

TIRAGEM
2 MIL EXEMPLARES

COLUNISTAS
Carlos Zanini
Diana Lopes
Diego Lopes
Elisa Slovinski
Rafael Reinehr
Iris Gonçalves Martins
Joel Grigolo
João Cechinel
Lilian Berdusco
Luiz Carlos Sette
Solange Cachoeira
Vanessa Irizaga
Vitor Gomes
Vertov
Werther Serralheiro

PROJETO GRÁFICO
Diego Lopes

COLABORADORES
José Pacheco
Tadeu Santos

CARTA DE PRINCIPIOS

O que somos e porquê somos

A Urbe é um jornal essencialmente socialista, libertário e antipartidário, não entendemos como válida a criação artificial de "lados" que gerem vencedores e vencidos; ao mesmo tempo, defendemos e valorizamos a liberdade de opinião, respeitamos a divergência de pontos de vista e promovemos o debate democrático, travado com urbanidade e gentileza;

Estimulamos o uso do jornal para a divulgação de ações que primem pelos respeito aos direitos humanos em todas as dimensões de forma a não promover exclusão, deslegitimação, intolerância, preconceito ou discriminação baseados em diferenças de etnia, raça ou cor, gênero, identidade de gênero, orientação sexual, idade, nacionalidade, naturalidade, língua, costumes, credo, convicção religiosa ou ?loso?ca, cultura, situação econômica ou funcional, posição hierárquica, grau de instrução ou condição física ou psíquica;

Acreditamos que através da participação, cooperação e compartilhamento de conhecimento podemos fazer a diferença em nossas vidas, das pessoas que conosco se relacionam e no ambiente em que vivemos, e que atentando para a ética "de cada um de acordo com suas habilidades e paixões, a cada um de acordo com seus desejos e necessidades", estaremos ajudando a criar um outro mundo possível, melhor;

Não permitimos a utilização do jornal A Urbe para fazer qualquer tipo de propaganda (de produtos comerciais, de instituições privadas - sejam empresariais ou sociais - e de pessoas), excetuando-se atividades educativas e culturais que sejam gratuitas, tenham gratuidade reservada ao menos para quem não pode arcar com os custos ou permitam pagamento em sistema de escambo ou moedas complementares, de acordo com as possibilidades de quem recebe o serviço;

As ferramentas, modelos e ideias para construir um brilhante futuro para a humanidade já estão entre nós. Suas peças estão fragmentadas e espalhadas, esperando um trabalho lento, porém sistemático de agregação, síntese, compreensão e divulgação, trabalho esse do qual A Urbe se propõe a fazer parte;

Acreditamos que seja possível inclinar as pessoas à mudança através do exemplo. Se organizamos nossas vidas pessoais de forma a estar fazendo as coisas certas, estamos agindo como representantes da ideia de que ser correto e fazer o bem pode ser inteligente e o melhor que alguém pode fazer pelo mundo. Este jornal pretende publicar ideias exemplares, de como a simplicidade, a bondade e a solidariedade conseguem transformar uma realidade em outra, melhor;

Acreditamos em tecnologias sociais como forma de divulgação, compartilhamento e apropriação de ideias para mudar o mundo em que vivemos para melhor. E neste sentido, A Urbe promoverá a construção, realizará a divulgação, fomentará o debate e chamará os leitores para a participação de toda tecnologia social que esteja par e passo com os princípios que regem o jornal.

O espaço do jornal A Urbe é essencialmente aberto a toda comunidade ararangüense, mas não restrito a esta: se houver algum assunto, tema ou conteúdo que possa ser relevante à nossa comunidade, ele é bem-vindo. Assuntos globais de interesse local, bem como assuntos locais de interesse global são sempre estimulados;

A Urbe é um jornal com um posicionamento político orientado à transformação social e, portanto, será apoiada e mantida por aqueles que, como nós, entenderem que podemos ser os atores de nossa próprias vidas e é válida a luta por um mundo mais justo, eqüânime, convivial, solidário, sustentável, harmônico e feliz.

Acreditamos em um jornal e uma sociedade construída de baixo para cima, sem hierarquias, dominação e opressão; para que isso funcione na prática, estimulamos e acolhemos a participação de todos na construção coletiva e autogerida do jornal; queremos não somente a voz de quem está acostumado e gosta de escrever, mas também daquelas pessoas que tem a voz sufocada pela rotina do trabalho e do cotidiano; queremos entrar nas casas e ocupar as ruas, e para isso lhe convidamos a unir-se a nós: vamos juntos?

Estes princípios poderão ser lidos a qualquer momento em nosso website, no endereço *http://aurbe.net/carta-de-principios*, foram aprovados por consenso pelos membros fundadores do jornal e pode ser revisto e melhorado se, futuramente, surgirem mudanças que nos direcionem para tal. O jornal não trabalha com censura, mas busca garantir que os princípios aqui estabelecidos sejam seguidos por quem deseja expressar sua opinião no **A URBE.**

Seja você também um colaborador do Jornal **A URBE!**

Envie seus textos, artigos, entrevistas, crônicas, fotos, poesias, e sugestões para *seujornal@aurbe.net*

O Jornal A Urbe não publica publicidade nem qualquer tipo de anúncio comercial pago. Desta forma, esperamos manter a integridade e a imparcialidade das informações publicadas, a qualquer tempo.

Para que o jornal possa se manter gratuito para muitos que não podem pagar para ter acesso a ele, criamos uma forma de apoio chamada **Assinatura Solidária**, em que você escolhe um valor de contribuição mensal que seja acessível (2, 5, 10, 50 reais) de acordo com suas capacidades econômicas, e passa a ser um apoiador tanto da Cultura como da notícia isenta em nossa cidade.

Para começar a Colaborar, entre em contato pelo e-mail ***euapoio@aurbe.net***, que vamos até você!

Uma Outra Aldeia é Possível | Rafael Reinehr

COOPERATIVA INTEGRAL CATALÃ

A Espanha tem uma longa história revolucionária voltada à busca de condições mais dignas, eqüânimes e justas para a população. Basta lembrar a Revolução Civil Espanhola de 1936, na qual o povo unido deu um basta à exploração e opressão que vinha sentindo e passou a organizar-se, de forma autogerida, no controle dos meios de produção. Não fosse uma triste sequência de traições e apoio externo russo no assassinato de centenas de líderes e ativistas da liberdade e do bem comum espanhóis, esta experiência libertária ressoaria ainda mais forte hoje em dia.

Mais de três quartos de século depois, a Catalunha nos apresenta mais uma de suas belas investidas em direção a um mundo mais justo e solidário: a Cooperativa Integral Catalã.

Atualmente, mais de 1200 pessoas organizaram um sistema próprio de saúde, educação, produção de alimentos e moradia. Organizaram também o que chamam de Serviços Comuns, um conjunto de atividades que engloba uma Bolsa de trabalhos, uma Central de Abastecimento, Serviços de informática e apoio à gestão econômica individual e coletiva.

Desenvolveram uma moeda própria e estão estimulando, através da divulgação de manuais e reuniões informativas, a Desobediência econômica e civil, recolhendo para si o que antes era entregue ao cargo do Estado na forma de impostos e genuinamente autogerindo suas próprias economias, distribuindo-as de forma mais justa, sem o enorme ônus que a burocracia estatal impõe.

Dentre os Princípios da Cooperativa Integral, se destacam:

Transformação Social

A preocupação com o bem comum e para com si mesmo

Desapego do materialismo

Cooperação e solidariedade na transformação social.

Transição do dia-a-dia e estar mais perto de transformar a visão em realidade.

Relação direta entre a ação prática e teoria.

Sociedade

Equidade e justiça social.

Igualdade na diversidade.

Apoio mútuo.

Compromisso e auto-avaliação.

Compartilhar com a sociedade nossas práticas.

Economia

Suprir as necessidades das pessoas acima de qualquer outro interesse, cada um contribuindo de acordo com suas possibilidades.

A moeda é uma medida do sistema de intercâmbio entre as pessoas da comunidade, excluindo o acúmulo como objetivo.

São incentivadas outras formas não-monetárias de troca: economia livre, a troca direta, a economia da comunidade.

Estabelecer relações econômicas entre produtores e consumidores: o guia da cooperativa para fazer uma estimativa de preços justos com base em seus custos, suas próprias necessidades e as dos consumidores.

Ecologia

Ecologia e Permacultura.

Decrescimento econômico e sustentabilidade

Organização política

Democracia: direta, deliberativa e participativa.

Auto-gestão e descentralização.

ransparência.

Subsidiariedade: do local ao fato global.

Assembleiarismo - uso de assembléias públicas e abertas para a tomada coletiva de decisões

Para conhecer mais sobre o trabalho da Cooperativa Integral Catalã, acesse http://cooperativa.cat/

Em setembro, o jornal A Urbe estará visitando pessoalmente a Cooperativa Integral, na Espanha. Se você tem interesse em viajar conosco ou tem algumas perguntas que deseja ver feitas aos integrantes, escreva para *aldeia@aurbe.net*

Rafael Reinehr é cidadão ararangüense há 6 anos, e acredita na capacidade do ser humano em limpar a própria bagunça. Sabe que nunca paramos de aprender, e compartilha um pouco de si em http:// reinehr.org e um outro tanto em http://coolmeia.org

CONTATO

Se você tem boas ideias e sugestões sobre como podemos melhorar nossa cidade e torná-la boa para todos, envie-as para **aldeia@aurbe.net**

No ano passado o Fotoclube Araranguá realizou sua primeira Saída Fotográfica (um encontro de pessoas para caminhares e fotografarem juntas) com uma proposta instigante: fotografar o que machucava os olhos de quem caminha pelo centro de Araranguá. O ensaio foi chamado de "O que te incomoda", e pode ser visto na integra no endereço http://bit.ly/oqueteincomoda

Agora, queremos abrir espaço para todo cidadão da cidade que esteja de olho aberto aos problemas, descuidos, deslizes (e porque não às boas práticas e melhorias) que acontecem na cidade, que compartilhe com toda a cidade a sua visão, enviando-nos uma foto de algo que tenha lhe chamado a atenção.

Para participar da próxima edição, envie uma foto para estamosatentos@aurbe.net

Artigo | Rodrigo Lima

DEMOCRACIA PARA QUÊ(M)?

Afirmar que vivemos uma democracia plena é faltar com a verdade. O sistema político vigente no Brasil não reflete uma real e profunda participação popular. Votamos a cada dois anos e fato, mas depois de digitarmos alguns números na urna eletrônica retornamos para casa e as grandes decisões que mexem com as nossas vidas não nos dizem mais respeito. Estão nas mãos de "representantes" que recebem o poder do povo para fazer o que bem entenderem. Como não existe controle popular dos mandatos, os eleitos não precisam, necessariamente, orientar-se por demandas ou pressões populares. Em uma democracia de mercado, na qual a imensa maioria dos mandatos são comprados e negociados é o poder econômico quem comanda. Sendo assim, "quem paga a banda escolhe a música" enquanto a imensa maioria da população fica refém de campanhas milionárias, em um jogo de cartas cada vez mais marcadas. A grande mídia define previamente quem são os candidatos "elegíveis", excluindo inclusive de debates e de maior participação qualquer partido que conteste de fato a ordem das coisas. Não é a toa que encontrar diferenças entre os grandes partidos brasileiros se torna cada vez mais difícil, se é que ainda existem. Inclui-se nesta receita uma despolitização cada vez maior, promovida por setores conservadores da sociedade, a quem interessa que a população considere a política como algo essencialmente negativo, sinônimo de corrupção e falcatruas. Esta distorção do conceito da política favorece diretamente aqueles que nada pretendem mudar.

Neste cenário podemos compreender um pouco melhor o que ocorreu no último dia 13 de maio na Câmara de Vereadores de Araranguá, quando foi rejeitado pelo voto de oito vereadores o Projeto de Emenda a Lei Orgânica Municipal nº 002/2013, de autoria do vereador Aquiles Ghelllere (PSB), que versava sobre a obrigatoriedade do voto aberto nas principais decisões tomadas pela Câmara. A rejeição do Projeto revela alguns aspectos significativos. O primeiro é que apesar de ser uma iniciativa salutar a mesma revela-se superficial. Pois o voto aberto, não acompanhado de outras medidas, no sistema de representação que vivemos, não proporciona um aumento real da participação popular nas decisões importantes da vida da cidade. O segundo aspecto relevante é o quanto a maioria dos vereadores estão se "lixando" para a opinião pública. Como "representantes" do povo revelam com esta votação que representam a si mesmos e aqueles que os financiam, para os quais os votos e decisões sempre serão revelados. A permanência do secretismo de suas decisões demonstra o quanto querem distância da vontade popular. Privatizam seus mandatos e fazem deles o que bem entendem, dando de ombros para a população. Um representante público, sustentado por recursos públicos, não revelar aberta e publicamente o que pensa e decide é a melhor expressão do absurdo.

Ainda estamos longe de uma real democracia. É preciso ter clareza que esta construção não surgirá a partir de um ou de vários projetos de lei, pelo contrário, surgirá de baixo para cima, da organização e mobilização dos setores populares. Quem sabe a partir de iniciativas populares possamos avançar para um modelo que altere qualitativamente a democracia: aumentando os instrumentos de participação popular, como a cassação popular de mandatos; criando e ampliando mecanismos de consulta direta a população; construindo conselhos populares comunitários; ampliando e democratizando as audiências públicas na tramitação de projetos de lei; e fomentando e desburocratizando a apresentação de projetos de lei de iniciativa popular. O modelo de democracia que hoje vigora está falido, em crise. Como afirmava o comunista italiano Antônio Gramsci "a crise consiste precisamente no fato de que o velho está morrendo e o novo ainda não pode nascer." Fazer nascer um novo modelo de democracia é uma tarefa que se coloca para todos aqueles que acreditam e lutam por outro mundo possível

Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor de Sociologia na EEB de Araranguá.

Coluna Sette | Luiz Carlos Sette

A VITÓRIA DA MENTIRA... ATÉ QUANDO?

Quanto dinheiro e tempo são desperdiçados com práticas de quiromancia (ler as mãos), tarô (cartas), búzios, horóscopo, numerologia, videntes, enfim uma enormidade de falso conhecimento que só proporciona vantagens reais a quem os ministra. O ser humano comum tem medo de muitas coisas. As pessoas têm medo de acidentes, da violência, da perda financeira, das doenças, mas não parecem ter medo da própria ignorância e de atitudes tão inadequadas quanto prejudiciais para si, encerradas nas práticas de futurologia. É impressionante a ausência de senso crítico. A previsão do futuro não é aceita pela maioria das religiões como também não existe nenhuma evidencia científica de que ela seja possível. Algumas religiões aceitam que existiram profetas, citados pela Bíblia, tudo dentro de um contexto histórico-religioso. Mas não se tem notícia de que Deus esteja nomeando profetas para montarem uma tenda e ficarem dizendo para as pessoas o que lhes irá acontecer. Claro que sempre existe um charlatão na próxima esquina dizendo que Deus o escolheu para tal tarefa.

A Ciência, ela sim, tem a capacidade de fazer estimativas sobre o futuro, mas tudo baseado em puro conhecimento acumulado, em evidências sólidas e consistentes. É o caso, por exemplo, da Astronomia que consegue calcular exatamente quando um determinado cometa irá passar novamente perto da Terra. Ou então, a Meteorologia que é capaz de fazer estimativas cada vez mais precisa sobre as condições climáticas, tanto num futuro próximo quanto mais distante. Temos exemplos de previsão na Medicina. Um médico, frente a certas doenças, é capaz de dizer com razoável grau de certeza o que pode acontecer. Os especialistas em Bolsas de Valores conseguem prever a evolução dos preços com grande chance de acertos. Mas nada disto é futurologia. É apenas Ciência, pura, nobre, elegante e discreta. O resto é enganação total.

Como é possível que as cartas de um baralho ou conchas num balaio possam dizer alguma coisa sobre o futuro de alguém? A maioria dos chamados videntes são pessoas astutas, observadoras e manipuladoras. Elas fazem umas perguntinhas aqui e ali e induzem a pessoa a acreditar nas suas observações e previsões. Na maioria das vezes, as previsões são genéricas e cautelosas. O vidente vai obtendo respostas do próprio cliente e, aos poucos, vai como que personalizando as suas "visões", ou seja, costuram a roupa nas medida do cliente. Geralmente, quem procura tais práticas, quase sempre está emocionalmente abalado, ansioso, triste e deprimido, ou seja, numa condição frágil e, portanto fácil de ser manipulado. Ninguém nunca ouviu falar de um vidente sisudo, carrancudo e antipático. Quase todos são amáveis, falam em voz baixa, de modo afetuoso e com um tom protetor. Independente das visões e previsões, só o fato de ter sido recebido e ganho a atenção de alguém tão amável, já deixa o cliente mais feliz.

Embora a maioria dos videntes se limite a ouvir e dar conselhos genéricos, a coisa é mais séria quando eles agem, ou seja, dão "receitas", "trabalhos" e conselhos específicos do tipo "faça isso", "faça aquilo".

O desejo de saber o futuro é tão antigo quanto a próprio o Homem. A Astrologia foi considerada uma ciência tão séria que até o grego Hipócrates, o pai da Medicina, achava que o médico não podia exercer a profissão com dignidade se não a conhecesse. Na Grécia também existia o Oráculo de Delfos, dedicado ao deus Apolo, de onde emanavam os conselhos das sacerdotisas (pitonisas) em transe. Tais conselhos eram considerados verdades absolutas.

De onde vem este desejo humano de conhecer o futuro?

Bem, a resposta cabe em milhares de livros. Mas neste pequeno espaço podemos dizer o seguinte: vem do cérebro humano. Nossa espécie evoluiu e se diferenciou dos demais animais que habitam e habitaram a Terra graças a um cérebro poderoso que deu origem à Razão, a qual por sua vez, criou a Ciência. E como começou a Ciência? Vários estudos sugerem que ela começou com algo que salvou o Homem de extinção: a observação de padrões. Nós somos seres caçadores de padrões porque conhecê-los nos traz segurança. Procuramos padrões em tudo. Por exemplo, vamos supor que uma pessoa da cidade grande seja colocada sozinha no meio da floresta amazônica. Ao mesmo tempo, pegamos um índio daquelas poucas tribos que ainda vivem isoladas e soltamos no centro de São Paulo. O que o leitor acha que vai acontecer? Não é difícil prever que, mais cedo ou mais tarde, ambos, o cidadão e o índio, terão graves problemas e provavelmente não irão sobreviver muito tempo. Por que? Porque cada um deles está acostumado com os padrões do seu local. O índio enxerga uma cobra onde ninguém a vê. O homem da cidade se vira como ninguém se desviando de malandros ou driblando os carros nas travessia das ruas.

Assim, o ser humano primitivo foi construindo sua vida, buscando a segurança dos padrões da Natureza, sendo capaz de prever quando plantar, quando colher, quando vem uma tempestade, quando a pesca aumenta, quando determinado cometa vai passar de novo perto da Terra, quando será o próximo eclipse, em outras palavras, a Natureza parece mesmo ser toda organizada na forma de padrões. A observação rigorosa de tantos padrões por milhares de anos permitiu o grande progresso tecnológico e científico do qual somos beneficiários.

Então, o Homem primitivo pensou: se a Natureza é tão repleta de padrões, cuja observação nos traz tantos benefícios, será que o próprio tempo não segue um padrão e, nesse caso, o futuro não pode ser previsto? A lógica é mais ou menos esta: descobri que quanto mais conheço sobre o presente, mais poder eu tenho, então, se eu conhecer o futuro, terei um poder imenso. Pronto, a fórmula estava perfeita para ser adotada pelo mito, superstição e religião. O conhecimento do futuro passou a ser visto como uma fonte inesgotável de poder, de sorte que os herdeiros dos sacerdotes egípcios e das pitonisas gregas chegaram até nós sob a forma de Tarólogos, Cartomantes, Profetas autonomeados e por aí vai.

A Ciência demonstrou que a adivinhação do futuro é pura bobagem, mas o mito sobreviveu e permite que muito dinheiro seja surrupiado de pobres incautos angustiados.

Outra possível explicação por este desejo ancestral de conhecer o futuro é dada pela natureza da vida e do psiquismo humanos. Somos obrigados a conviver com a incerteza. Para piorar, conforme ficamos adultos, aprendemos que a única certeza definitiva, inadiável, a certeza que reina sozinha e indiferente a tudo e a todos, é a morte. E ainda, para complicar mais um pouco, conforme vamos amadurecendo, aprendemos que o mundo é um lugar perigoso. Ora, num modelo teórico, prever o futuro seria uma receita infalível para uma vida longa. Se eu soubesse de antemão que , segundo certo vidente me disse, eu iria me envolver – e provavelmente morrer- num acidente aéreo, posso facilmente tomar a decisão de nunca mais viajar de avião. Mas a coisa não para aí. Aprendemos também que nós somos perigosos para nós mesmos. Como? Fácil de responder: vemos que tomamos decisões erradas, que nos ferramos de uma forma ou de outra, perdemos dinheiro, somos logrados, escolhemos a pessoa errada para se casar, o negócio errado para montar, a profissão errada que nos faz infeliz, etc., etc.

Como nós somos programados a procurar padrões, queremos culpar alguém ou alguma coisa fora de nós, pelos nossos infortúnios. Ninguém gosta de admitir que fez tanto mal a si mesmo. É preciso procurar uma causa externa, ou seja, eu não tive culpa, a culpa foi do destino. Tal coisa estava "programada" para acontecer comigo por culpa de uma "força", de um "trabalho" de uma predestinação, enfim, é o destino visto como algo externo, estranho a mim e fora do meu controle.

Ora, se tudo de ruim que acontece comigo é culpa do destino, e não minha, conhecer o destino, ou seja, o futuro, é uma forma de eu me prevenir contra as desgraças da vida.

A verdade é uma só: nada sabemos sobre o amanhã e ninguém pode nos dizer. A vida é uma aventura maravilhosa se vivida ao abrigo da luz e do calor da sabedoria e da responsabilidade pelo próprio destino e bem longe do frio e das trevas da ignorância e da superstição.

O autor tem 55 anos, nascido em São Paulo, radicado em Araranguá há 12 anos. Médico Gastroenterologista e Perito, músico clássico, autor e colaborador em blogs . Trabalhou como Editor de uma revista médica durante 10 anos. Membro da Liga Humanista Secular e da Skeptical Society, interessa-se pela cultura humana e pela busca incessante da verdade na Ciência e da beleza na Arte.

Artigo | Tadêu Santos

CARTA À MINISTRA

EXMA. SRA. IZABELLA TEIXEIRA | PRESIDENTE DO CONAMA E MINISTRA DO MMA | BRASÍLIA - DF

"O Conselho hoje é o espaço democrático que recepciona as diferenças de opinião e pensamento e que também representa o ideal de luta pela consolidação da democracia dos últimos 30 anos. É o espaço legítimo para a mudança do meio ambiente no país!"

(Ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira)

DEGRADAÇÃO AMBIENTAL: TODOS SOMOS CULPADOS, MAS QUEM SERÃO OS CONDENADOS?

O Sistema Nacional de Meio Ambiente (SISNAMA) precisa urgentemente ser revisto, pois se a legislação ambiental deste país é uma das mais eficientes do mundo, então por que a degradação dos nossos ecossistemas continua aumentando em todos os biomas brasileiros?

O CONAMA, como importante integrante do SISNAMA, é o mais antigo colegiado do Brasil e é composto por três diferentes setores que por razões óbvias buscam atender interesses antagônicos em nome do MEIO AMBIENTE:

A reduzida bancada ambientalista como representante da sociedade civil (poucos com qualificação especializada para debater determinados temas...) defende a elaboração e o aperfeiçoamento da legislação como forma de manter o "equilíbrio ecológico" como condição inegociável para garantir a preservação da natureza e uma melhor qualidade de vida para as atuais e futuras gerações...

Enquanto que o setor privado (com representantes altamente qualificados e poderosos...) defende formas de garantir a manutenção dos meios de produção com resultados positivos, custe o que custar, conforme tão bem definiu Alan Greenspan de "ganância infecciosa", pois entendem que a legislação ambiental dificulta a obtenção dos almejados índices de lucro, tanto no agronegócio quanto na indústria.

Por sua vez, a forte representação do Estado nesta composição tem a função de controlar esta dinâmica que envolve a preservação da água, do solo, das florestas, da fauna e do ar, porém não o faz adequadamente por razões diversas (mesmo com servidores técnicos especializados...), e que evita debater as causas por ser um tema polêmico, constrangedor e desconfortante para os órgãos públicos!

Na verdade, na história deste país todos são culpados pelo caos ambiental que se encontram nossos recursos naturais... mas quem serão os condenados?

O CONAMA tem a obrigação de estabelecer normas e critérios (EIA tendenciosos, audiências públicas manipuladas, licenças forjadas...) para que os processos de licenciamento ocorram de forma séria, eficiente e principalmente sem interferências políticas...

O CONAMA tem a obrigação de criar resoluções que fortaleçam a legislação ambiental quando a mesma sai do famigerado parlamento brasileiro mal elaborada ou viciada juridicamente para atender interesses privados escusos e corruptos, como os que assistimos nos noticiários através das atuações eficazes e isentas do MP (com algumas exceções) da Polícia Federal e do STF, por exemplo.

O CONAMA tem a obrigação de criar mecanismos de forma a reduzir os impactos sócio-ambientais que afetam as camadas pobres, excluídas e vulneráveis, que somam milhões de brasileiros que clamam por Justiça Ambiental.

Esta permissividade poluidora, esta falta de ética, esta corrupção, estas nomeações e ocupações de cargos estratégicos na política nacional são uma provocação a sociedade civil, *"Pode-se enganar a alguns o tempo todo e a todos por algum tempo, mas não se pode enganar a todos o tempo todo."* Abraham Lincoln.

Concluindo: Se o CONAMA não reagir com mudanças ousadas e rígidas, como já o fez no passado, decidindo com firmeza e transparência questões cruciais resultantes do processo de desenvolvimento deste país, o avanço predatório contra a biodiversidade continuará cada vez mais brutal com reais possibilidades de, num breve futuro, entrarmos em colapso ecológico intensamente alertado por estudiosos, destacando o conceituado escritor e pesquisador Jared Diamond!!!

OBS.I. Se um país ainda mantém em sua Matriz Energética a queima de combustíveis fosseis, inclusive com subsídios, é porque está na contramão da história, tanto quanto a atividade que comprovadamente é a mais degradante de todas as existentes neste planeta.

"Nunca duvide que um pequeno grupo de cidadão preocupados e comprometidos possa mudar o mundo; de fato é só isso que o tem mudado".

Margaret Mead, antropóloga.

Tadêu Santos, casado, pai de dois filhos, um formado em Cinema e outro em História. Nasceu em Praia Grande/SC, mas honrosamente é Cidadão Araranguaense em título concedido em 2004 pelo Poder Legislativo. Integrante da ONG Sócios da Natureza, presidente do COAMA e atualmente é Conselheiro do CONAMA como representante dos estados do PR, SC e RS. É um dos autores do livro MEMÓRIA E CULTURA DO CARVÃO EM SANTA CATARINA.

Cultura Popular | João Cechinel

O SURPREENDENTE MUSEU RURAL DE VISTA ALEGRE

O que você faria se recebesse, como herança de seus pais, um terreno fértil e produtivo, com vários imóveis sobre ele, localizado numa bela montanha com energia elétrica, água potável, internet e acesso fácil às rodovias asfaltadas? E se nesse mesmo terreno houvesse também dezenas de plantas nativas centenárias? E mais ainda: uma casa que havia pertencido a sua família, na qual todos os dez irmãos, incluindo o herdeiro, tivessem nela vivido, e estando em boas condições de moradia? Pois é. Um agricultor que nasceu e vive na comunidade de Vista Alegre, Município de Ermo, no Vale do Rio Araranguá, de modos simples e avesso às vaidades pessoais, tomou uma decisão no mínimo exótica para os padrões locais e, porque não dizer, completamente atípica para um descendente de italianos: destinou todo o bem que lhe coube, como legado da partilha, exclusivamente à cultura local, visando a manter toda área intocada e preservá-la tal qual recebida de seus genitores, para que ali fosse feito um museu, o Museu Rural de Vista Alegre. O homem que fez a doação ao poder público, se chama Antônio Acordi, de apelido "Tonico", e vive nas imediações daquele surpreendente memorial, na localidade já referida, juntamente com a esposa, Teresa, com quem está casado faz cinquenta anos. A encantadora casa, despida de arrojos arquitetônicos, atualmente sob os cuidados da Prefeitura de Ermo, a quem foi legada, é típica de madeira e foi construída na década de 1950 para abrigar os familiares que se dedicavam à lida comum do campo e ao beneficiamento da abundante extração florestal permitida à época. Hoje, mantendo ainda as características originais e estando localizada na única via da localidade, serve de museu, onde estão guardados objetos remanescentes dos pais, familiares e simpatizantes da bela causa. Lá se encontram, assim como numa casa do interior, utensílios, móveis, roupas, objetos de uso pessoal, fotos e uma gama de peças que remontam os tempos passados. Uma das que chamam a atenção, é um pano de parede bordado à mão, retratando uma imagem do Coração de Jesus e uma inscrição de cunho religioso, de uso muito comum nas casas de antigamente, esticado logo acima de um tripé usado como suporte de bacia para a lavagem das mãos e do rosto. Na sala, os sofás remetem às décadas passadas. Os quadros antigos, fixados no quarto do casal, dão o tom de religiosidade e de paz ao ambiente, adornado por um crucifixo de madeira que ainda guarnece a cama estreita e de cabeceira alta, preenchida com um nada saudoso colchão de palha de milho descaroçada. Os roupeiros conservam as poucas mudas de roupa do patriarca e estão protegidos por um vidro. Como aquela casa histórica foi recebendo doações de parentes e de pessoas que quiseram dar um destino nobre aos pertences de seus antepassados, o Museu Rural perdeu um pouco da característica exclusiva da família de Antônio Acordi. Sim, porque a exposição de moedas e dinheiro antigos, que ocupa praticamente uma sala toda, bem como uma estante repleta de troféus conquistados por times de futebol, bandeiras, flâmulas, aparelhos de TV e até eletrodomésticos mais modernos certamente não faziam parte do cotidiano dos que ali viviam, haja vista que o dia-a-dia dos moradores era pautado pela simplicidade comum das colônias daquela região. Da mesma forma, um grande acervo de fotografias foi incorporado ao museu, sem ter relação direta com a proposta inicial de quem o concebeu. De qualquer maneira, uma visita ao local vale à pena. E como vale! Basta seguir até a cidade de Ermo e depois tomar a direção do município de Jacinto Machado. Passados dois quilômetros da primeira cidade o turista se depara com um bonito acesso à localidade de Morro do Ermo e, depois de percorrer um trecho de estrada batida, por cinco a dez minutos, se chega à simpática Vista Alegre. O museu fica aberto de segunda a sábado e a entrada é franca. As respostas para as indagações contidas no preâmbulo do presente artigo se encontram no surpreendente Museu Rural incrustado naquela bucólica localidade, ou numa boa prosa com o idealizador, Seu Tonico Acordi.

Cantor Profissional.
Graduado em Direito e Administração.
joao.cechinel@hotmail.com

Odisséia no Cinema | Diego Lopes

A HOSPEDEIRA

A linha tênue entre manipulação e mágica

A chegada das almas ao planeta terra.

Stephenie Meyer é uma fanfarrona. Depois de tirar a sorte grande com um medíocre mas inocente romance vampírico, apostou em continuações e spin-offs com o sucesso da fraquíssima adaptação cinematográfica da fraquíssima saga de livros, que se tivesse parado no primeiro livro teria sido pelo menos aceitável.

Entretanto, sua obra menos famosa, apesar de frágil e ainda problemática, é bem mais interessante. A Hospedeira (o livro) trás Melanie Stryder, uma garota forte e determinada bem distante da aborrecida adolescente Isabella Swan (uma decisão óbvia e necessária), um mundo dominado por alienígenas bondosos e ocasionalmente cruéis em sua natureza (o que levanta questionamentos interessantes sobre a natureza humana – admito que alguns sejam acidentais) e é claro, um triângulo amoroso. A pegadinha é que aqui este acontece com quatro pessoas e três corpos, mas voltaremos à isso.

Melanie é uma das últimas sobreviventes humanas após o mundo ter sido invadido por uma raça alienígena que se denominam "almas". Tratam-se de criaturas brilhosas de poucos centímetros que se alojam na espinha na área do pescoço e ali tomam conta de sua consciência, extinguindo a consciência humana que antes regia o corpo habitado e assumindo-o completamente dali adiante. Os hospedeiros podem ser facilmente identificados através do leve brilho azul claro ao redor da pupila. Melanie, numa fuga, cai de vários andares e se deixa capturar pelas almas para salvar seu irmão mais novo. Os alienígenas prontamente implantam uma hospedeira no corpo desanimado e devidamente recuperado uma alma que se denomina "Peregrina" (ou em inglês, Wanderer). Peregrina, porém, tem um pequeno problema – a consciência de Melanie luta por seu corpo e passa a coexistir dentro de sua cabeça. Enquanto Peregrina controla seu corpo e ações básicas, ouve a voz de Melanie em sua mente e passa a compartilhar memórias e sentimentos com a hospedeira – inclusive o carinho pelo irmão e o amor por Jared, outro sobrevivente. Tornando-se improváveis aliadas, estas partem em busca do irmão e amante de Melanie enquanto fogem da Buscadora, uma alma particularmente teimosa quanto à humanos sobreviventes.

É importante explicar que as almas não são más, ou pelo menos, não se veem assim. A única forma de viverem é através de outro corpo e quando dominam planetas, nunca julgam estar causando a extinção de uma raça. Apenas invadem, experimentam o mundo novo e o aperfeiçoa sem causar destruição ou extinção de recursos, sendo seres de natureza pacífica e consequentemente, sendo desnecessário mentir. Dessa forma, sua ingenuidade diante de mentiras é usada diversas vezes por Peregrina/Melanie em seu benefício.

Apesar de ter deixado o ambiente escolar e estereotipado de Crepúsculo para trás, alguns tropeços cada vez mais se mostram manias da escritora, que infelizmente, por ser produtora de seus filmes, são obrigatoriamente transcritos para o cinema por qualquer diretor que assuma seus projetos. É uma pena, pois suas histórias ficariam muito melhores e até acima da média em mãos mais talentosas. Incluo aqui a do diretor Andrew Niccol, que apesar de ser cotado como roteirista nos cartazes, pouco pode fazer subordinado à produção de Meyer – não há nenhuma cena ou diálogo não presente no livro e até o (desnecessário) epílogo é mantido. Pelo menos, ele pode criar um design de ambiente interessante, mesclando as tecnologias humanas com as alienígenas ao alternar locais claros e limpos com casas terráqueas, e os carros velhos das almas civis com os carros cromados das almas buscadoras.

Porém, mesmo criando um universo interessante, A Hospedeira (filme e livro) sofre do mesmíssimo problema contido em todos os livros e filmes da saga Crepúsculo – o tom episódico da narrativa revela a falta de habilidade de Meyer em dosar os momentos tensos com momentos tranquilos, oscilando entre um e outro sem que a história fique tão monótona que seja impossível acompanhar ou empolgante o suficiente a ponto de atingir um clímax.

O livro leva certa vantagem, mas é curioso como filme e livro pecam no mesmo quesito que supostamente deveria ser o principal – o romance. Para uma escritora formada em letras cujo livro preferido é Morro dos Ventos Uivantes, Meyer dosa muito mal suas descrições do amor de Melanie por Jared. No livro é constrangedor ver a determinada e até então cativante Melanie descrever sensações como "eletricidade" ao tocar a pele de Jared, enquanto no filme vemos a talentosa Saoirse Ronan momentaneamente interpretar Kristen Stewart ao insistir em ir para a cama com Jared, que assim como Edward Cullen em Crepúsculo toma uma postura defensiva ao temer que ela se sinta obrigada a amá-lo por estes serem um dos últimos casais do mundo.

O romance no filme, por sinal, tanto para Melanie e Jared quanto para Peregrina e Ian (paixonite que completa o "triângulo" amoroso) é construído de forma rasteira e inverossímil. Enquanto o primeiro casal passa 50% do tempo em tela se beijando em flashbacks, o segundo é visto na maioria das vezes trocando olhares e tem no máximo dois diálogos com mais de cinco frases, tornando seu afeto artificial e apenas presente por obrigação à trama.

Vale notar que um detalhe particularmente grande foi ignorado na versão cinematográfica pela óbvia polêmica que levantaria: no livro Jared tem 36 anos e Melanie tem 17. Apesar de ser outra ideia reciclada de Crepúsculo, explicaria muito melhor sua hesitação e possível desconforto com o interesse romântico por/com Melanie. Logo, o filme ignora um ponto interessante do livro que tornaria tal atitude verossímil ao excluir a informação do roteiro e escalar um ator jovem para interpretar Jared.

Dito isso, vale nota a tal triângulo amoroso de quatro pontas (deixei para o final de propósito – risos): enquanto Melanie ama Jared, Peregrina se apaixona por Ian, outro sobrevivente que vive nas cavernas.

Logo, nenhuma delas pode beijar seus respectivos amados, pois sempre estariam beijando um indesejado ou compartilhando ciúme de qualquer forma, visto que Melanie não pode simplesmente "ir para outro quarto", como sugere ingenuamente Ian em certo momento.

OK, é possível pensar numa discussão interessante, principalmente se você for um psicólogo(a), mas não consigo deixar de pensar que mais uma vez estamos vendo as fantasias adolescentes de Meyer vindo à tona através de seus personagens ao invés de um estudo de personagens. Em Crepúsculo, Meyer já brincava constantemente no limite da ética ao fazer sua protagonista amar dois homens ao mesmo tempo (familiar?) e justificar paixão instantânea de um jovem por uma criança recém-nascida (o tema da diferença de idade outra vez).

Pelo menos Meyer aprendeu que nem tudo deve virar saga e deixou A Hospedeira sem continuações ou spin-offs. Que os Deuses a abençoem por isso. Por enquanto.

Designer e cinéfilo desde que saiu do berço. Atualmente espera o tempo certo para cursar cinema e traumatizar pessoas com filmes tristes.

Cinema | Vanessa Irizaga

ESPERA...VAI TER VINGANÇA

Um dos sentimentos menos nobres do ser humano tem ganhado ultimamente a atenção da mídia pelo espaço obtido nas produções literárias, cinematógraficas e televisivas. A vingança ganha novos autores, os executores são outros, mas a origem e caminho seguido é semelhante ao que já havia sido apresentado para o público em geral.

O legado de escritores como Alexandre Dumas, autor de obras já transformadas em filmes como O Conde de Monte Cristo, ganha vida nas ações de personagens como Cassiano, da novela Flor do Caribe ou de Amanda Clarke, do seriado Revenge. Na trama global, o personagem é atraído por uma emboscada armada pelo melhor amigo. A passagem em que luta para sair de uma espécie de prisão e a jura de vingança lembrou-me instantaneamente a trama de Dumas.

Apesar de enfrentar desafios para voltar para casa, o pior foi encontrar a mulher nos braços do traidor e os filhos criados por ele. Além disso, a reputação de Cassiano foi manchada com as mentiras contadas pelo falso amigo.

Essa rivalidade começou na infância e é nesse período que certos traumas são enraizados e que podem ser levados para a vida adulta e prejudicar o relacionamento consigo mesmo e com o mundo. Se o vínculo com os amigos é um laço forte, mais ainda é o da família. Se no caso da novela, o amigo é o alvo da vingança, em Revenge, toda a ação premeditada é colocada em prática para vingar o pai da protagonista.

O homem foi levado para a cadeia e traído por gente de confiança e é a vez da filha honrar o pai. A jovem cria uma falsa identidade e se infiltra no antigo circulo de amizades da família. A moça vai um a um perseguindo os destratores do pai, complicando a convivência e infernizando a vida alheia.

Para a professora e coordenadora do curso de Psicologia da Faculdade Esucri, Sandra Regina de Barros de Souza, a vingança é algo absorvido através do tempo, não é algo natural do homem. "Pode se dizer que o sintoma da vingança acontece quando uma pessoa não consegue dar conta de seu 'ser machucado', ou seja, das suas dores, medos, invejas, raivas e outros sentimentos negativos. Ela experimenta e acredita que sua dor é causada pelo outro que o machucou. O que sobra disso tudo? Sobra o desejo de querer infligir dor em quem o feriu, e é uma maneira de descarregar nossa energia negativa e aliviar essa sensação", explica a docente.

No entanto, se essa forma de "acertar os ponteiros" com o inimigo parece radical, mas insano é a forma de lidar com a situação de outros personagens. Em Sweeney Todd: O Barbeiro Demoníaco da Rua Fleet, o vingativo Todd, vivido por Johnny Depp, extermina os adversários, demonstrando que, nem sempre, a vingança fica apenas no plano da pressão psicológica ou dos estragos que escândalos podem proporcionar. Se a vingança torna-se a razão de viver de uma pessoa, como ela pode prosseguir adiante e o que fará quando esse processo terminar?

"A vingança costuma ser destrutiva para ambos os lados e, com certeza, não cura os machucados emocionais nem físicos e na maioria das vezes só os agrava", ressalta Sandra.

Há uma frase, dita por uma vilã da série Xena, a Princesa Guerreira, que reflete essa questão: "todos estes anos eu passei vivendo para te destruir, pensando nisso, que só se eu te desse a mesma dor que você me deu, eu me livraria disso. E então eu o fiz. E nada mudou. Eu não me sinto melhor. Só vazia". Talvez a superação seja a melhor maneira de se sobressair perante os acontecimentos, mas não a mais fácil.

Vanessa Irizaga é natural de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul e é graduada em Comunicação Social/ Jornalismo pela Faculdade Satc, em Santa Catarina. Atualmente, reside em Araranguá e trabalha na Rádio Eldorado, de Criciúma, na função de produtora.

Cinema | Carlos Mariosan Silveira

ROTEIRO DE CINEMA – SER (RUIM) OU NÃO, EIS A QUESTÃO!

Vamos tentar entender o porque da enxurrada de filmes com roteiro caótico que inundam as telinhas e telonas mundo afora. E, talvez, trazer alguma luz sobre a decisão dos estúdios e distribuidoras aceitarem placidamente esta situação.

Já virou consenso dizer que o problema do cinema atual é o roteiro. Muitos, no entanto, confundem isso com a ausência de roteiristas. Essa explicação é simplória. Basta ver que, recentemente, muitos dos roteiristas de cinema estão migrando para a televisão, que tem um histórico de entender a importância do roteiro. O fato é que o produtor de cinema já entendeu a importância do roteiro, mas não entendeu a importância do roteirista. Se quisermos bons roteiros temos que discutir como acontece o desenvolvimento de um filme.

O estúdio pede roteiro pronto condenando o roteirista a escrever no risco. A captação de recursos até pode financiar a produção de um filme, mas não funciona para financiar um roteiro. A cada sete roteiros que os americanos contratam apenas um é produzido. Isso é normal e eles têm a consciência de que "perder roteiros" é uma forma de diminuir o risco do negócio. Financiar roteiros é igual financiar pesquisa e inovação: você financia um monte de gente e, de vez em quando, registra algumas patentes. Mas, às vezes, uma única patente gera muito lucro.

Além disso, os processos têm sido muito confusos. Quem não é da área de cinema e vê um longa com roteiro ruim, mas ruim mesmo, aqueles ruins inacreditáveis, deve se perguntar: como chegou nisso? Ninguém leu o roteiro? Será que todo mundo é burro nesse filme? Não é bem isso.

Muitos pensam que o problema ocorre pois o diretor é um autor com poder absoluto e ninguém comentou. Isso acontece, sim. Mas cada vez menos. Na maioria dos casos o roteiro ficou ruim pelo motivo contrário: pois faltou autor. Muita gente palpitou, o roteiro foi para todo lado e perdeu a coesão.

Os roteiros ruins do cinema atual são resultados de processos caóticos e sem liderança. Saímos de um cinema feito pelo ego, para um cinema feito pela briga de egos. Estamos num momento aonde os produtores ganharam alguma força em relação aos diretores. Isso poderia ser bom, mas nem sempre funciona. Há casos onde o produtor contrata o roteirista para se contrapor ao diretor. O que era para ser uma equipe criativa vira um conflito político de baixo nível. E nada pior que fazer política na criação. Existe ainda o desconhecimento e a insegurança dos produtores que mandam o roteiro para qualquer pessoa comentar.

Um criador pode e deve ouvir o produtor/distribuidor. Mas criação artística não é um bom lugar para fazer "política" de consenso. Arte não é como um projeto de lei do Congresso, que naturalmente vai ter emendas. E para inserir uma ideia pontual, outras boas ideias são perdidas. Mas é importante que os produtores tenham consciência da responsabilidade de intervir num roteiro e percebam que uma nova ideia obriga a perder outras boas. E que existe também questões de prazo de entrega do roteiro, renumeração e outras envolvidas. Se mudar mais ou menos fica um arremedo de roteiro. Tem que mudar até o fim. Por isso, os comentários tem que ser responsáveis.

O desconhecimento do processo tem levado a algo curioso: há muitos filmes em que o primeiro tratamento não é o ideal, mas o segundo fica ainda pior. E vai piorando gradativamnte.

E falta a coragem de dar mais poder aos roteiristas. Está na hora de entender que a única forma de fazer bons roteiros é valorizar o autor-roteirista. E respeitar a inteligência do espectador, é claro.

Alguns dos grandes roteiros da história do cinema e seus respectivos autores/roteiristas:

Casablanca (Julius J. & G. Philip Epstein e Howard Koch)

O Poderoso Chefão (Mario Puzo e Francis Ford Coppola)

Pulp Fiction – Tempo de Violência (Quentin Tarantino)

A Felicidade Não Se Compra (Frances Goodrich, Albert Hackett e Frank Capra)

Golpe de Mestre (David S. Ward)

Carlos Mariosan tem 57 anos, natural de Araranguá e funcionário aposentado do Banco do Brasil é o responsável técnico da Videlocadora Arte Ambiente. Esporte, cinema e música são componentes perpétuos em sua rotina diária e a justiça social sua utopia pessoal. Colaborador em jornais com matérias sobre cinema e vídeo.

(Saiba como participar na página 2)

Entrevista com Cristiano Matos | Por Andrea Diene Rocha

BANDA BLACK WHITE

Surgiu em janeiro de 2012 a partir de um convite que fiz ao atual vocalista Thiago, que era baixista em outras bandas, percebendo o talento dele para o vocal lancei esse desafio e deu certo. A idéia era fazer Rock clássico, anos 60, 70.. Elvis, Creedence e Beatles... Chegamos a fazer alguns shows nesse estilo. Porém percebemos que precisávamos ampliar o repertório de forma a agradar um maior número de pessoas, não fugindo do estilo. Não temos um propósito comercial, é mais um hobby, mas temos composições que ainda não divulgamos e temos um sonho de gravar essas composições. A última apresentação foi no Santo Réu, abriu o show do ACDC cover, foi bem legal... A galera interagiu com a gente, tocamos também no moto Beach e no Castelo Music Arena, em Torres... Foi um diferencial que nos agradou bastante.

A maior dificuldade que se tem pra formar uma banda é juntar os componentes que tenham o mesmo objetivo e até o primeiro show como você não tem certeza de nada, gera uma expectativa muito grande para saber quais os desafios que enfrentaremos: pessoas pra formar a banda, disponibilidade para os ensaios, o objetivo e estilo do grupo até essas coisas se encaminharem leva um tempo.

Eu e Thiago não somos da cidade, somos de Torres, porém foi muito legal a receptividade e apoio das bandas locais para a formação da Black White. O Elvis, nosso baixista, por exemplo, é gentilmente concedido pela banda Paranóica Latentes. Um fato curioso é que a banda ensaia com ausência do vocalista, pois o mesmo mora em Torres e depois tudo é repassado antes do show. Esses são alguns desafios de quem realmente quer formar e manter uma banda.

Formada em História com especialização em História Local e Regional, Professora na Escola de Educação Básica de Araranguá

Thiago Matos: **vocal**

Ariel Carvalho: **guitarra e vocais**

Cristiano Matos: **bateria**

Elvis Costa: **baixo**

Repasse **A URBE** para quem gosta de ler!

Escreva seu nome aqui e passe adiante:

____

Literatura | Diana Lopes

POR QUE NÃO PARAS RELÓGIO?

Você é obrigado a se emocionar

Na vida que levava de entrar em todas as livrarias do caminho e nunca sair de mãos vazias, fui levada a conhecer alguns sebos: a maior maravilha dessa vida. Olha um livro aqui, vê outro ali, sempre tem aquele que gruda nos olhos e não deixa ir embora se não o levar junto. E grande parte da alegria disso é passar a conhecer antigos e alternativos livros brasileiros.

Em visita a um novo conhecido, meu olhar passou pelo título "Por que não paras relógio?": "Em muitos momentos de minha vida, pedi ao relógio que parasse, que me permitisse manter aquela felicidade eternamente. O relógio, indiferente às minhas súplicas, continuou movendo seus ponteiros. Fui feliz! Fui infeliz! Fui... Fui..." era o começo da sinopse, não precisava de mais nada. Com o final: "Da próxima vez que encontrá-los, seus olhos e seu coração os verão bem diferentes...", passou certa decepção, tantos livros que usam essa frase para atrair leitores e acabam não cumprindo as expectativas. Ainda assim, não resisti sair de lá sem estar com ele em mãos, e que ótima decisão essa foi.

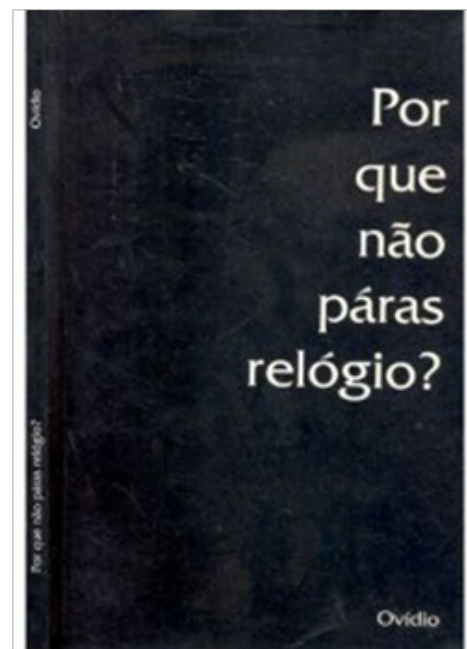
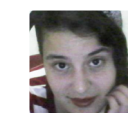
Com apenas 90 páginas e uma fácil compreensão do idioma, a leitura se torna rápida de um modo agradável. Escrita em 1999 por Ovídio Gomes Ribeiro, a obra trata da história de Érico e Terezinha, duas crianças na falta de uma infância.

Até a idade de 9 anos, Érico levava uma vida normal, pai, mãe, casa, comida, escola, mas o que seria do livro se tudo continuasse bem? Após um inteligentemente não especificado acidente com o pai do garoto, este cria uma preocupação e sentimento de amor materno tão forte que acaba largando a escola e indo às ruas de São Paulo para levar dinheiro à mãe, ruas nas quais conhece Terezinha.

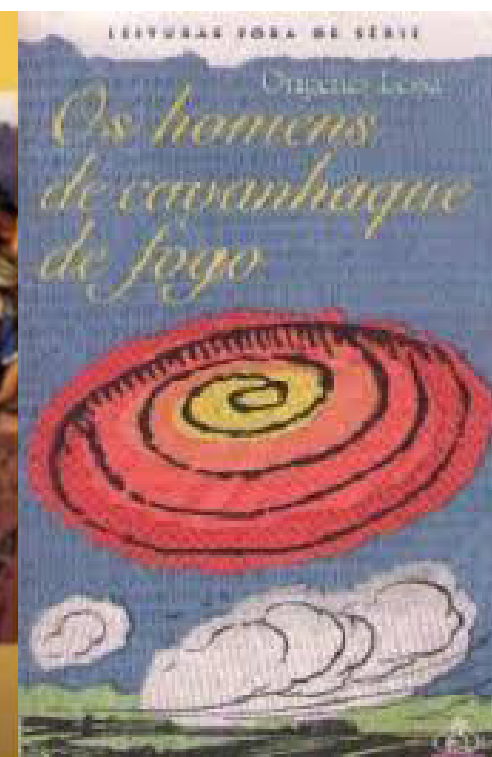
Terezinha Araujo, com seus dois irmãos mais velhos, vivia nas ruas desde seus 5 anos. Apesar de nunca ter ido à escola, não lhe eram estranhos os números, fazia contas facilmente. Sua verdadeira felicidade transparece após o encontro com Érico, e esse é mais um da coleção de livros que o leitor sente que os personagens deveriam ficar juntos e realmente torce para que isso aconteça.

Uma realidade é retratada ao mostrar o amadurecimento prematuro das personagens. Sem deixar explícito o sofrimento daqueles que vivem assim, torna-se uma leitura agradável e relaxante ao mesmo tempo em que nos faz refletir o que é a sociedade (ainda) hoje.

É um livro recomendado como leitura entre livros ou mesmo apenas para aliviar aquele estresse da semana. Após a leitura, fui à busca da canção "Relógio" mencionada várias vezes pelo escritor e encontrei alguns comentários aleatórios dizendo para ler ao som dessa canção colocada na opção de repetição. Já tendo essa ex-

periência com outros livros, realmente dá uma sensação ainda mais apaixonante.

Depois de certas pesquisas por toda a rede, encontrei algumas falas de Ovídio: "Com a mania boba de me apaixonar por tudo que faço, apaixonei-me pelos livros. Por hobby, comecei a escrever. Quando me dei conta, já havia escrito dez livros.". Minha meta de vida será, a partir de agora, encontrar os outros nove livros escritos por este exímio autor.

Mera estudante de terceiro ano, futura artista perdida entre livros, música, tinta, sonhos e gatos.

Recomendações | Diana Lopes

O QUE MAIS HÁ NA ESTANTE?

"A linha desce reta na água, com a chumbada e o anzol arredondados. Funcional e simples como tudo que é quadrondo."

"Como é você quem paga... Quem convida dá banquete."

"(...) vinte anos depois, há o registro da paixão na solidão do medo."

"A humanidade não se adapta à Perfeição que oferecemos."

Entrevista com Sidimar Ribeiro | por Andrea Diene Rocha

SLACKLINE

"Este esporte traduz uma sintonia entre a mente, o corpo e o equilíbrio."

Em meados dos anos 80, escaladores Californianos em seu período de descanso, resolveram esticar uma corda entre duas árvores ou pedras e tentaram caminhar de uma ponta a outra com extremo equilíbrio. A brincadeira ficou tão divertida que foi passando de pessoa a pessoa, adquirindo uma cultura e técnicas tão impressionantes, que acabou tornando-se um esporte. Com a passar do tempo esta brincadeira virou moda, adquiriu vertentes e passou a se chamar Slackline. O esporte foi se espalhando pelo mundo. No Brasil as cidades litorâneas foram as primeiras a praticar o slackline. No Centro Oeste Brasileiro em Aparecida de Goiânia região metropolitana de Goiânia foi criado o primeiro Centro de Treinamento de Slackline da América Latina o GoSlack. O projeto foi idealizado pelo publicitário Magno Marinho e por Jader Carrijo Educador Físico ambos praticantes do esporte. Existem quatro vertentes deste esporte: Trickline, onde a fita fica em média a 1,5 m do chão para. Highline: Fita ancorada sobre pedras, arvores ou prédios, a fita fica suspensa com no mínimo 5 m do chão. Esta vertente é considerada uma das difíceis. Longline: O longline é ancorado sobre dois pontos, com uma distâcia médias de 25 m a 50 m. Waterline: Waterline: Esta é provavelmente a mais divertida, ancorada sobre um rio, piscina, etc.

Excelente exercício físico para fortalecimento das pernas, também ótimo para equilíbrio, coordenação e sociabilidade, pois basta esticar uma fita para vários "curiosos" se reunirem esperando sua vez de praticar (curiosidade maior em crianças).

"Meu amigo Caue conheceu este esporte por vídeos do Youtube e resolveu convidar os amigos para experimentar numa tarde a beira mar em Balneário Arroio do silva, onde não saiu nenhuma manobra, mas a diversão foi garantida. Em finais de semana costumamos praticar ali na pracinha do Arroio do Silva", diz Sidimar Ribeiro, que também ensina Slackline para crianças no Projeto Social Sementinhas, do Bairro Jardim Cibele.

Formada em História com especialização em História Local e Regional, Professora na Escola de Educação Básica de Araranguá

"Quando Rafael Reinehr me mostrou o jornal, eu solicitei um espaço para as crianças poderem escrever seus textos, pois sei que quando se escreve para alguém ler, dedica-se mais em expressar seus sentimentos e assim, o ato pedagógico se concretiza... Diferente de se escrever para o professor ler, corrigir, dar uma nota e guardar na gaveta. Este espaço irá ajudar a despertar em nossos educandos o hábito de ler e escrever, pois na medida em que irão escrevendo, seus pensamentos e seus sentimentos ganham sentido no texto escrito." *Professora Edilene Cristiano de Figueredo Valeriano.*

A escola Rio dos Anjos fica situada no município de Araranguá e atende a uma demanda de educandos que engloba desde o pré-escolar até o 5° ano do Ensino Fundamental, que são orientados por 04 professores.

"Questionados sobre como vêem a escola em que estudam, bem como os objetivos, sonhos e realizações, alguns alunos fizeram questão de ressaltar:"
Professor Marcelo José Rodrigues

"O meu objetivo é estudar bastante para alcançar o que mais quero que é ser uma universitária, para me formar numa profissão que vou escolher quando chegar a hora certa. E por isso que eu venho neste texto falar que fico triste, pois só tenho mais este ano na minha adorada escola Rio dos Anjos, pois só tem do pré até o 5° ano... Gostaria muito que tivesse até o 9° ano. Me sinto muito feliz e meus pais se orgulham de mim porque fui muito bem alfabetizada, e agradeço meu professores pelo carinho e atenção que me deram. Já me sinto realizada por saber tudo o que eu sei, e virão muito mais aprendizagens se eu continuar estudando para um futuro brilhante. E a base dessa minha conquista eu tenho sabe o que? Um grande professor!"

Larissa Gomes Fernandes, 10 anos- 5° ano.

"Minha escola é pequena, mas tem muita coisa divertida como bola, pega-pega e muito mais... os professores são legais e ensinam muita coisa diferente..."

Suelen de Bem Teixeira, 8 anos- 3° ano.

O meu sonho é que não feche a escola, venham mais alunos, venha uma bibliotecária para ajudar na biblioteca, que tenha mais "Feira do Livro", todos os educadores: Artes, Espanhol e mais...

Marina Nasário Gabriel, 10 anos- 5° ano.

Artigo | José Pacheco

A BOA, A MÁ E A VILÃ

A capa daquela revista ostentava um sugestivo título: Conheça as melhores escolas para o seu filho. Imaginei que as maravilhas anunciadas, certamente, iriam gerar filas de espera para matrícula e as "boas escolas" publicitadas na revista iriam ter salas abarrotadas de alunos. Mas também me questionei: a opinião pública saberá distinguir o que sejam escolas boas, más e vilãs? A mídia não ajuda, quando usa e abusa da expressão ambígua "boas escolas", identificando-as com escolas ditas "de ensino tradicional". Afinal, o que são "boas escolas?

Os indefetíveis partidários do regresso ao passado – como se de lá já tivéssemos saído... – elegeram como "vilã" a escola das ditas "novas pedagogias". Novas? Mas os seus avatares são velhos, quase fósseis! Piaget nasceu no século XIX. Vigotsky morreu há quase cem anos. Montessori criou a sua escola em 1907. E Dewey escreveu o seu livro essencial em 1905. E a "má escola" é a "escola pública", já se vê, uma instituição maltratada, vilipendiada, que sobrevive nas margens da obsolescência.

Numa simples expressão se sintetiza aquilo que o leigo considera "boa escola": é aquela que, desde a creche, prepara o aluno para passar no vestibular, aquela que ocupa os primeiros lugares dos rankings. Mas o que nos dizem os rankings? Dir-se-á que assinalam escolas cujos alunos mais conteúdos aprenderam? Mas, na verdade, as designadas "boas escolas" apenas adotaram algumas habilidades pedagógicas, que os potenciais clientes adoram. Os quadros interativos, por exemplo, não são mais do que quadros negros do século XXI. E a cosmética pedagógica não disfarça a pobreza das práticas, apenas dão um ar de modernidade a práticas fósseis.

As "boas escolas" cuidam da formação sócio-moral dos seus alunos? Os rankings atestam honestidade? Não creio. Se assim fosse, como se explicaria que, entre as élites que as frequentaram, se contem muitos corruptos de colarinho branco? Quantos conformistas são produzidos nas "boas escolas", que vão ocupar as cadeiras do poder, incapazes de uma postura humanista e inovadora? Qual a moral prevalecente nas "boas escolas"? Aquela que legitima a aplicação de vestibulinhos? Entre o vestibulinho e o vestibular, impunemente, muitas das ditas "boas escolas" produzem exclusão.

Qual a moral que as autoriza a condicionar a matrícula apenas a "bons alunos", ou a recusar a matrícula de crianças "especiais"? Será aquela que leva escolas, crónicas ocupantes do topo dos rankings, a falsear resultados, evitando que os seus "piores alunos" façam prova...?

Na "boa", como na "má" escola, são produzidos bonsais humanos, quer sejam traficantes de favela, quer sejam criminosos de colarinho branco. Daí que talvez fosse útil acabar com o mito da "boa escola". E pugnar para que todas as escolas sejam boas escolas. Aquilo que distingue uma "boa" de uma "má escola" não é o dispor, ou não dispor, de salas de aula 3d, lousa digital, tablets para todos... Isso são enfeites pedagógicos de um modelo de ensino obsoleto.

Em suma: é o reconhecimento da existência de "boas escolas" que legitima a existência das "más escolas". Porém, não parece ser essa a nossa sina, dado que, quer os zelosos e abastados progenitores dos alunos das "boas", quer os indiferentes e pobres pais dos alunos das "más", as patrocinam. Uns com mensalidades faraónicas, outros com a bolsa famíla, ajudam a manter a "boa escola" das suas representações. E a tragédia educacional continua no próximo ato...

Afinal, o que será uma "bos escola"? Não será aquela que a todos acolhe e a cada qual dá condições de ser sábio e feliz, independentemente de ter patrocínio público ou privado? E se nos deixássemos de maniqueísmos fúteis?

José Pacheco é educador, fundador da Escola da Ponte, em Portugal. Anima o Projeto Âncora, em Cotia-SP e viaja pelo Brasil como consultor em Educação Democrática.

O Renascer da Liberdade | Lilian Berdusco

EDUCAÇÃO E PODER

Como conduzir os alunos à liberdade, como fazê-los reconhecer o outro como companheiro de jornada, criatura igual em condições e vontades, como fazer com que nossos alunos tornem-se criaturas humanizadas, adultos coerentes e justos, se em todos os nossos atos, apresentamos às crianças e jovens um mundo oposto ao discurso? Ao mesmo tempo em que falamos para nossas crianças que todos somos semelhantes em direitos, deveres, vontades e capacidade de sentir, mostramos para eles um mundo hierarquizado, mesquinho, vil, onde a senhora que higieniza as salas de aula possuem menos prestígio que o educador que a utiliza e este por sua vez, possui menos prestígio que os coordenadores e diretores. Uma estrutura assustadora baseada no grau de escolarização e potencial cognitivo para blefar perante a sociedade!

É certo que nossas crianças se educam pelos atos que presenciam no cotidiano e pelas "coisas concretas" com as quais tem contato. O que poderão eles aprender em um ambiente cercado de tantas falhas?

Como se não bastassem essas falhas da estrutura educacional, esquecemo-nos (ou desconhecemos, o que é ainda mais grave) do verdadeiro sentido de "Educar", algo que está bem distante das dezenas de "para" que acrescentamos sempre que nos perguntam o que é educar. Permitimo-nos aceitar e distribuir o falso discurso de que educamos "para a cidadania", "para o trabalho", "para a inclusão" e baseados neste discurso vil, castramos os sonhos, a criatividade, a ousadia, a irreverência dos nossos educandos e os transformamos em criaturas dóceis, domesticados, conformados. Estigmatizamos aqueles que rompem com todo esse tédio (relembrando "A flor e a náusea" da edição anterior) e adulamos os que são "adestráveis". Deixamos de lado as potências cognitivas das crianças e os transformamos em argila, com a qual podemos moldar conforme nossas vontades. Simplesmente o oposto do significado de "educar", palavrinha de raiz latina "ex ducere", que significa que "algo é conduzido para fora, conduzido para o exterior" (Antropolíticas da Educação). A educação não é meio para atingir algo e sim a finalidade, citando um trecho da obra dos professores Rogério de Almeida e Marcos Ferreira Santos, Antropolíticas da Educação:

"A educação não é um meio para atingir algo (educação para o trabalho, educação para a cidadania, educação para a terra, educação para a inclusão etc). Ela própria é a finalidade última de suas práticas: trazer para fora a humanidade potencial que há nas pessoas"

Teriam os educadores consciência de seu papel de carrasco, de reprodutor dos males sociais, perpetuador da própria condição funesta? De certo que não! Assim como boa parte da sociedade (sonâmbulos a caminhar pelas ruas sem consciência de si) grande parte dos educadores são vítimas de sua própria ignorância, vítimas de uma educação secular alienante, massificadora.

Não aprenderam outra coisa senão a controlar humanos e "educar para...", crendo fielmente estar contribuindo para o progresso (e ordem!) da sociedade.

Quantos de nós educadores, estudamos durante a graduação temas como: educação anarquista, escolas libertárias, educação alternativa para o operariado? O próprio curso de formação docente apaga, omite da história conceitos geradores de liberdade, autonomia e solidariedade. Esta é a razão para não culparmos nossos educadores.

Em contrapartida, tenho convicção de que este é o momento de trazermos a tona aquilo que tentou-se apagar! Resgatar ideais educacionais bem sucedidos (apesar de massacrados pelo Estado em diferentes períodos da história) que atuaram pelo livre pensar e agir, pelo respeito às potências diversas, saberes múltiplos, que lutaram pelo ensino integral, completo, capaz de abarcar saberes do campo teórico e prático, sempre associando com o contexto real dos indivíduos a quem está destinada.

Façamos da coluna "O Renascer da Liberdade" um desvelador da educação libertária, um espaço para discussão e troca de saberes, de desmistificação e ampliação de horizontes!

Avante!

Lilian Berdusco Oliveira: paulistana, educadora, anarquista. Possui 25 anos de amor inquebrantável pelo operariado, e fé inabalável na necessidade de emancipação econômica, social e cultural da sociedade.

Matéria de Capa | Rafael Reinehr

DEMOCRACIA DIRETA, DEMOCRACIA LÍQUIDA E OUTRAS FORMAS DE DEMOCRACIA REAL

Utopias que estão deixando de ser | Parte I

A Agora ateniense, considerada o berço da democracia, era uma praça na qual os cidadãos se reuniam para debater em público e decidir os rumos que a pólis (ou cidade) deveria tomar. Muitos anos depois, o sistema político, em função do crescimento das cidades, estados e nações, tomou a forma atual, de democracia representativa, em boa parte dos Estados-nação que se dizem "democráticos".

Com o advento da internet,aprendemos a usar tecnologias que permitem "reduzir o tamanho" do mundo e incluir todos os interessados em um determinado assunto em uma "Ágora virtual", espaços nos quais a democracia direta, sem intermediários, pode novamente ser praticada.

Entretanto, quem diz que aqueles que hoje estão entrincheirados no poder, políticos profissionais mandados pelo poder econômico de corporações e atendendo ao interesse dos próprios bolsos, tem interesse em sair de sua posição de privilégios autoagraciados?

Conheces algum vereador, deputado ou senador que esteja defendendo a devolução do poder às mãos do povo? Não, pois apesar de o discurso ser sempre o mesmo:, de que o povo deve ser incluído no processo democrático, participação popular, bla bla bla, no íntimo a classe que hoje governa o país trata o povo como gente ignorante que necessita ser conduzida por pessoas com auto-afirmada (mas jamais comprovada) capacidade de administrar e governar. Se hoje tirássemos todos os políticos e burocratas do seu lugar, não estaríamos produzindo um cêntimo a mais de pobres e famintos e, se estes fossem colocados a trabalhar e a riqueza advinda da usurpação do que é realmente trabalho gerador de valor distribuída entre todos, ficaríamos imediatamente, todos, mais ricos e bem servidos. Tal é o impacto da mastodôntica máquina estatal, enferrujada e ineficiente, que tenta se reformar desde o dia seguinte em que foi criada em sua versão moderna, após a revolução burguesa chamada de Iluminismo, em que o seis foi trocado pelo meia-dúzia e os reis e nobres tiveram seu lugar ocupado por uma nova classe dominante, desta vez composta pelos donos dos meios de produção, que continuam em seu lugar até hoje.

Acontecimentos recentes como a Primavera Árabe e os movimentos de Ocupação de ruas a praças, iniciados com o Occupy Wall Street, demonstraram que estamos prontos para começar a aprender e usar uma nova forma de governança, que permita que mais pessoas possam ser incluídas nos processos de tomada de decisão sobre suas próprias vidas.

Este artigo jamais conseguirá explorar com profundidade o que tem sido a efervescência política além dos muros das instituições capitalista-corporativas-politico-partidárias desde os acontecimentos de Seattle em 1999, mas a seguir começo a pintar alguns conceitos e exemplos que certamente irão moldar uma nova forma de relações políticas dentro na nossa sociedade nos próximos anos, começando pelos conceitos de Democracia líquida e navegando rapidamente por exemplos como o Demoex, a Lista partecipata e o Voto contínuo.

Democracia líquida é um tipo de democracia direta, no qual as votações se realizam por um mandato específico para uma determinada questão, e é suplementado por uma recomendação de ação (uma análise da questão em debate feita por especialistas na matéria, pró e contra). É um sistema misto entre democracia direta e democracia representativa, no qual os representantes do Povo são designados para votar em cada tema, ao invés de serem eleitos para um mandato amplo, com duração específica. Em alguns casos, na democracia líquida, o mandato específico pode ser delegado, ou seja, passado para outra pessoa, temporariamente.

Demoex é um partido político sueco e uma experiência em democracia direta eletrônica, com votações pela internet, criado a partir do desencanto generalizado com os políticos tradicionais, aliado ao fato de que na democracia representativa a opinião do Povo só é consultada uma vez a cada quatro ou cinco anos. E após serem eleitos, os políticos tradicionais podem agir praticamente como bem entenderem até a próxima eleição, como bem sabemos.

Esse partido concorreu às eleições municipais em setembro de 2002, e obteve um único assento na câmara municipal de Vallentuna, na Suécia. Atualmente o sistema opera de forma que o representante eleito para a câmara vote de acordo com os resultados das votações online feitas pelos membros do partido, e não de acordo com as próprias convicções tampouco de acordo com orientações do partido. O representante, neste caso, realmente representa seus eleitores e seu voto oficial na câmara depende do resultado de uma votação online, realizada previamente no site do Demoex. Qualquer residente de Vallentuna a partir dos 16 anos pode se registrar no site e participar das votações, e qualquer pessoa do mundo pode participar dos debates.

O Demoex sustenta que a tecnologia já ultrapassou o sistema politico atual e pretende, através do uso da tecnologia de informação, instaurar uma forma de democracia liquida. O Demoex fundamenta-se sobre os princípios da sociedade aberta, ou seja, uma visão da sociedade construída sob os princípios do acesso público às informações oficiais, em outras palavras, na "transparência".

Na Itália, o projeto Lista partecipata cujo slogan é "O controle do governo nas mãos do Povo (e não só no dia das eleições)" é uma experiência de democracia direta que vem sendo posta em prática, e é similar ao projeto sueco Demoex. A Lista partecipata permite que um grupo de pessoas se reúna e participe de discussões utilizando internet, telefone ou os correios para eleger um membro como candidato às eleições regionais. Em caso de vitória, o membro da lista eleito é obrigado a seguir as decisões tomadas por todos os membros dentro desse sistema de decisão multi-canal, e arriscando-se a ser automaticamente demitido do cargo se não o fizer, tendo o seu mandato revogado. Esse sistema de decisões, chamado Deciadiamo foi criado pela Fundação Telemática Livre, com sede em Roma, e se parece em muito com o sistema desenvolvido no Brasil em 2007 chamado Voto Contínuo, que foi desenhado originalmente levando em conta os seguintes termos:

- Declarar a obrigatoriedade do voto aberto em todas as instâncias legislativas e a plena divulgação da listagem dos votos em meios impressos e virtuais com acesso à qualquer cidadão – lista esta composta pelo projeto ou emenda votados, nome do vereador, deputado ou senador (VDS) e posicionamento do mesmo frente à questão.

- Voto nas eleições para todos os cargos deixaria de ser obrigatória e uma opção de voto aberto (não secreto) seria oferecida ao eleitor.

- Aqueles eleitores que escolherem pelo voto aberto, ganharão o direito de voto contínuo sobre os atos do seu VDS eleito; tal voto contínuo será vinculado ao CPF ou título de eleitor do votante e atrelado a uma senha específica

- O voto contínuo dá os seguintes poderes ao eleitor que escolheu abrir seu voto:

- Munido do CPF/título de eleitor e senha específica, o eleitor poderá, a qualquer momento, votar a favor da interrupção do mandato do seu candidato eleito, em uma página específica da Internet feita para tal objetivo.

- Quando um determinado patamar de rejeição for atingido (percentual dos votos contínuos daquele representante a ser discutido), o candidato é automaticamente retirado do seu cargo e substituído por um suplente (revogabilidade do voto)

- Tal medida obrigará o VDS a buscar maneiras de realmente representar quem o elegeu, sendo que temos uma proposta pronta:

- Cada VDS teria uma página pessoal na Internet, onde, antes de cada projeto ou emenda ser votado, o mesmo faria uma consulta popular aos seus eleitores com direito a voto contínuo (ou consulta aberta, a seu critério) acerca de qual posição ele deveria tomar em relação à questão a ser votada.

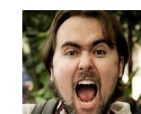
- Pessoas sem acesso á internet poderiam votar nos Correios, Lotéricas, na própria Câmara de Vereadores ou nas Escolas, com ajuda de pessoas treinadas para lhes ajudar.

Os exemplos acima ainda usam intermediários, em maior ou menor grau, para depositar o voto em projetos de lei e deliberações legislativas em geral. Mas podemos avançar:

O fim da casta de políticos tornaria o jogo político-social mais intenso, com discussões verdadeiramente produtivas mobilizando a sociedade, pois atribuiria ao voto um valor inestimável, uma vez que pela vontade do povo questões de interesse próprio seriam decididas (imaginem o fervor que surgiria nas semanas que antecederiam uma votação a favor ou contra o aumento do salário mínimo, ou para cortes na previdência pública, tudo isso com dados sendo apresentados, de ambos os lados, instruindo a população sobre quais as vantagens e desvantagens de cada posição, de forma transparente, com especialistas de cada lado da mesa tentando apresentar os melhores argumentos a favor ou contra cada escolha).

Vamos observar alguns outros exemplos práticos atuais nos quais a democracia direta está sendo de suma importância, e entender como ela pode ser inserida na comunidade araranguaense, a partir da próxima edição. Envie suas sugestões para **fale@aurbe.net,** e até lá.

Na próxima edição: Partido Pirata, Primavera Árabe, Occupy Wall Street e Movimento dos Ocupas.

Veja mais sobre o assunto em **http://aurbe.net**

Rafael Reinehr é cidadão araranguaense há 6 anos, e acredita na capacidade do ser humano em limpar a própria bagunça. Sabe que nunca paramos de aprender, e compartilha um pouco de si em http:// reinehr.org e um outro tanto em http://coolmeia.org

Vamos Clickar? | André Jacob

BEAUTY DISH CASEIRO

MATERIAIS USADOS

- Caixinha de luz de construção
- EVA
- Bacia branca
- Pote pequeno de sobremesa branco
- Tinta spray preta
- Cola
- Tirinhas de alumínio
- Parafusos

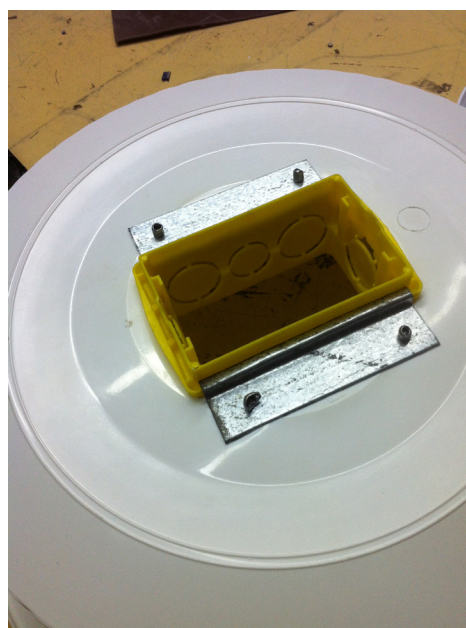
Muitas pessoas gostam de fotografar, mas nem sempre tem os meios e a criatividade para aperfeiçoar suas tecnicas e melhorar suas imagens produzidas. Esta coluna veio para ajudar você a fotografar melhor, com dicas e técnicas para aperfeiçoar suas fotos. Nesta edição, começamos ensinando a fazer um beauty dish caseiro. Mas o que é um beauty dish? Um beauty dish é um modificador de luz, algo que voce acopla no seu flash, utilizado principalmente para retratos, criando uma luz homogenea e suave, deixando os tons de pele bonitos e agradáveis(dai o nome beauty = beleza), muito usado em estúdios fotográficos.

André Jacob, tenho 20 anos e a um bom tempo sou um entusiasta da fotografia, iniciando cedo, aprendendo técnicas e aperfeiçoando meu trabalho de forma autodidata dia após dia, grande apaixonado por fotografia (principalmente em estúdio) e amante de técnicas em que a criatividade fala mais alto.

Passo 1
Aqui vão os materiais utilizados

Passo 2
Corte o fundo da bacia conforme o tamanho da caixa de luz!

Passo 3
Encaixe para ver se tudo está okay!

Passo 4
Fazendo os encaixes para a caixinha com chapa de metal/alumínio.

Passo 5
Ponha os encaixes e parafuse(no meu caso eu mandei usar arrebites) voce pode fazer de outra forma, seja com cola, parafusos, use a criatividade nesta etapa!

Passo 6
Cole EVA's por dentro da caixa para prender o flash com segurança.

Passo 7
Prenda o centro (potinho de sobremesa) com um pedaço de arame ou metal, pode-se usar abraçadeiras de nylon ou qualquer coisa que deixe o potinho no centro!

Passo 8
Pinte o fundo da bacia e da caixa.

Passo 9
Está pronto!

Comunicação e Mídia Livre | Vertov

ODEIA A MÍDIA, SEJA A MÍDIA!

Durante as manifestações contra a realização do encontro da Organização Mundial do Comércio (OMC) em Seattle no ano de 1999, diversos ativistas e militantes de causas sociais criaram um website que permitia que qualquer pessoa pudesse publicar notícias, relatos, imagens, entrevistas e outros materiais de cobertura afim de dar voz e suporte aos cerca de 100 mil manifestantes daquela que ficou conhecida como a "Batalha de Seattle".

Uma das características mais significativas da cobertura é que ela não foi realizada apenas por jornalistas independentes ou jornalistas que publicavam de forma anônima suas matérias rejeitadas pelos editores, as pessoas que faziam a luta adotaram o site como veículo de expressão de suas ideias. Ambientalistas, ecologistas, ativistas de direitos humanos, coletivos anarquistas, movimentos socias e diversas pessoas utilizavam a publicação que de temporária, se tornou permanente.

Atualmente existem mais de 80 sites do Centro de Mídia Independente (CMI) pelo mundo, o Indymedia se tornou não apenas um coletivo de publicadores independentes, mas também um agregador de lutas, iniciativas e projetos que buscam a autonomia e autogestão das pessoas em movimento, seja através de textos publicados nos websites, jornais independentes, rádios livres, conteúdo audiovisual, filmes, livros, mobilizações e protestos.

No Brasil existem diversos coletivos do CMI em ação e juntos eles formam uma rede que compõem e acompanham as notícias e ações no país. Cidades como Florianópolis, São Paulo, Tefé (na Amazônia), Brasília, Campinas, Caxias do Sul, Fortaleza, Joinville, Goiânia, Rio de Janeiro e Salvador fazem parte da estrutura do coletivo, mas qualquer pessoa, em qualquer cidade pode publicar notícias do website e também iniciar uma organização local para integrar sua cidade nas atividades da rede.

Apropriação, empoderamento, voz ativa e ação direta pela autonomia e liberdade de expressão de pessoas, movimentos e ideias. Muito mais do que discutir soluções para um novo mundo possível, você pode fazer parte de um novo mundo que já existe, está aqui e está em suas mãos. Basta sair do lugar, participar, criar e manifestar a sua luta, suas ideias e sua vontade de transformar.

Odeia a mídia, seja a mídia! Faça valer as suas lutas. Conheça e participe do Centro de Mídia Independente e demais coletivos de mídia livre na sua cidade e região.

Centro de Mídia Independente
www.midiaindependente.org

Vertov é voluntário em redes de comunicação livre, independentes e libertárias.
http://we.riseup.net/vertov
vertov@riseup.net

Acompanhe A URBE mais de perto:

Ombudsman | Werther Serralheiro

A URBE ESTÁ NAS RUAS!

Durante todo o mês de maio passado circulou pelas ruas o nosso A Urbe. Foram dois mil exemplares que circularam pelas mãos, olhos, corações e mentes do araranguaense e algumas impressões ficaram.

A primeira delas é que a cidade ainda não está acostumada com este tipo de mídia alternativa. Até o fechamento desta edição, este Ombudsman não recebeu sequer um contato via e-mail com críticas a respeito da edição Zero do nosso jornal. Apesar de ter coletado nas ruas e nas redes sociais as impressões dos cidadãos a respeito do jornal, a participação ativa dos leitores ainda não está sendo efetiva. Cabe a todos nós refletir a respeito dos porquês desta passividade e, na minha opinião particular, o motivo é a histórica falta de ferramentas de debate nesta cidade.

Esta carência cria uma cultura de alienação, imposta por quem se interessa por ela. A proposta do jornal é quebrar com este ciclo vicioso e criar um outro ciclo, virtuoso, na qual as pessoas lêem, criticam, debatam e ajam e, da ação saiam proposições a serem lidas, criticadas, debatidas... enfim. Enquanto isto não ocorre, me sinto como Ombudsman na obrigação de provocar.

Outra impressão do jornal coletado em conversas com alguns leitores é também reflexo desta carência: a de que a Urbe não falou em sua primeira edição a língua da grande massa. O tamanho dos artigos assustou muitos leitores – já nesta edição número um os leitores sentirão algumas mudanças como, por exemplo, a versão enxuta da coluna do Tadeu Santos com um "leia mais" apontando para o nosso site.

Alguns leitores externaram a preocupação com a alta carga intelectual do A Urbe, o que afasta o acesso da grande massa da nossa comunidade. Em contraponto, a leitora Jaqueline Steffens externa sua posição pelo Facebook:

"Acredito que independente da cor, classe, raça, credo, é importante que todos tenham acesso aos mais variados tipos de informação (...) Cabe a quem recebe os mais variados tipos de informação escolher se quer ou não interiorizar e refletir sobre cada assunto."

Enfim, o A Urbe terá que encontrar este equilíbrio em seus textos: intelectualizar sem ser pesado; atingir a população sem ser banal; conquistar a confiança do povo sem ser chato. E precisamos da sua ajuda, leitor: fale@aurbe.net e vamos ver se conseguimos avançar nesta Edição Um.

Morador da Coloninha, professor do Instituto Federal de Santa Catarina e membro das redes APonte!, Mobiliza Araranguá e Coolmeia. | fale@aurbe.net

PARA FALAR COM O OMBUDSMAN:

O Ombudsman é o canal de comunicação entre o leitor e o jornal. Críticas, sugestões e debates com os colunistas, envie um e-mail para

fale@aurbe.net

A URBE | Elisa Slovinski

PÉS NA COMUNIDADE

Fotos por **Rafael Reinehr**

Na segunda reportagem pelos lugares descentralizados de Araranguá, a Urbe esteve ouvindo alguns moradores do Residencial Flor do Campo I, existente há quase três anos no Mato Alto. É uma obra do município e governo federal de caráter social, referente às famílias tiradas da área verde, as quais viviam em condições de vulnerabilidade social. Um lado populoso da cidade, em que vivem 112 famílias, uma ao lado da outra.

Luis Antônio e esposa Andreia parecem ser os mais felizes com a ajuda governamental. "Já vivemos tempos ruins na área verde, hoje estamos no paraíso", nos conta. Segundo ele, sua casa estando arrumada, ter seu carro, contas pagas, família reunida, é o suficiente, porque segundo ele não tem intuito de ficar rico. A casa dele está recebendo reformas, é a única do bloco dele recebendo um belo 'trato', e assim pensa ele, que todos deveriam também cuidar do cantinho recebido, após passarem por tanta dificuldade. "Do céu só podemos esperar chuva e raio, as pessoas tem que acreditar, porém lutar para deixar seu lar mais bonito e agradável", finaliza.

Perguntados se a convivência tão próxima é boa? A resposta, segundo a maioria, é que é boa, porém falta mais senso comunitário e mais respeito para melhorar a relação, principalmente, por causa da bagunça feita pelos adolescentes/jovens, por quase o dia inteiro. Segundo eles, os pais não dão limites aos filhos, estes utilizavam do pátio como se fosse um campo de futebol. Para eles, a solução seria fazer um espaço de lazer para esta rapaziada jogar. José de Melo, Enícia Mattos Caetano e sua irmã Rosane Mattos, e o vizinho Joacir de S. Gomes são unânimes ao afirmar que o silêncio voltou a reinar, um pouco, depois deles, mesmos, se reunirem, fazerem abaixo-assinado e tirarem os parquinhos que fazia parte do projeto inicial do Residencial, já que, de acordo com eles, o departamento municipal responsável não veio encontrar uma solução ao problema. Até mesmo, um jardim florido que formava uma praça, não existe mais, devido ao vandalismo no local.

Joacir vai mais longe na solução para tanta violência cometida pela juventude, dizendo que tudo seria diferente se fosse reduzida a maioridade penal. Para ele a lei protege demais, enquanto os jovens podem votar, engravidar por aí, eles não podem trabalhar e nem responder por seus crimes. Esta revolta sentida também por Enícia, poderia ser amenizada, segundo ela, se a administração olhasse um pouco mais para a comunidade. Trazendo cursos aos pais, os quais hoje parecem vítimas de seus próprios filhos, ensinando o significado dos valores e do compromisso familiar, sobretudo, com uma linguagem bem simples de entender.

A comunidade clama também por mais respaldo público, onde o Conselho Tutelar responda aos chamados deles; mais vigilância da polícia pela localidade; e um problema o qual deveria ser incomum nos dias de hoje, a falta de serviço dos correios. De acordo com os moradores, eles não recebem nenhuma correspondência em suas casas. Acreditam que o motivo seja a discriminação pelo lugar, pois Rosane disse já ter sentido na pele o preconceito, onde perguntaram se ela morava no 'Carandiru'. Também as lojas nos veem como maus pagadores, temos até a sensação de quando colocado Residencial Flor do Campo I no currículo, acaba não sendo chamado para uma entrevista de emprego.

Qualquer pessoa a visitar o populoso residencial verá a tamanha injustiça cometida com seus membros, cuja preocupação deles hoje é obter mais empregos aos jovens e melhorar a convivência comunitária, onde todos se envolvam mais e não se acomodem porque ganharam aquele espaço. Vemos como muitas residências estão sendo embelezadas, ampliadas, e bem cuidadas, com muito esforço e dignidade.

Jornalista profissional (JP/SC 3808) graduada pela Faculdade UDC – do oeste paranaense. Vindo de São Miguel do Iguaçu (PR), fixou residência em Balneário Arroio do Silva, é colaboradora da revista Sul Fashion de Araranguá e membro do FotoClube desta cidade.

Não jogue cultura no lixo, preserve a cidade.

Ao invés de jogar este jornal no lixo, passe adiante para quem gosta de ler.
Que tal deixar numa caixa de correio? Esquecer no banco do ônibus? Em cima do balcão?